

A “LITERATURA MILITAR” DE ALFREDO TAUNAY E EUCLIDES DA CUNHA: UM REGIME HISTORIOGRÁFICO ACERCA DAS GUERRAS

THE "MILITARY LITERATURE" OF ALFREDO TAUNAY AND EUCLIDES DA CUNHA: A HISTORIOGRAPHICAL REGIME ABOUT WARS

Gabriel Barbosa da Silva Amorim¹

RESUMO: Neste artigo, tomo como questão principal a aproximação recorrente entre os escritos de Alfredo d’Escragnole Taunay acerca da Guerra do Paraguai e os de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos, autores que respectivamente ocuparam a função de “correspondente militar” durante as referidas guerras. Ao investigar essa relação, verifico a composição de um regime historiográfico específico à escrita da história das guerras, sob o título de “literatura militar”, para o qual as obras de Taunay e Cunha foram posicionadas como igualmente exemplares por alguns de seus leitores, avaliadores e divulgadores.

PALAVRAS-CHAVE: História da historiografia; regimes historiográficos; diários de guerra.

Abstract: In this article, I consider as a central issue the recurring connection between the writings of Alfredo d’Escragnole Taunay about the Paraguayan War and Euclides da Cunha regarding the War of Canudos, authors who respectively held the position of "military correspondent" during the mentioned wars. While investigating this relationship, I examine the construction of a specific historiographical framework within the writing of war history, under the label of "military literature," for which the works of Taunay and Cunha were positioned as equally exemplary by some of their readers, assessors, and promoters.

Keywords: History of Historiography, historiographical regimes, war diaries.

* Essa pesquisa foi financiada pelo Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPq). Este artigo deriva-se da minha dissertação de Mestrado: “*Obras primas de nossa literatura militar?*”: expectativas e recepções às narrativas de guerra de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/235204>.

¹Mestre (2022) e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Unesp. Bolsista FAPESP de Doutorado. Email: gabriel.amorim@unesp.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7268-8882>.

Uma comparação quase óbvia

Ao estudar a obra de Alfredo d'Escragno Taunay (1843-1899) em *O Visconde de Taunay e os fios da memória*, Maria Lídia Maretti (2006) problematiza a classificação de autor *menor* comumente atribuída a ele, por mais ativo que tenha sido nas camadas literárias e políticas das quatro últimas décadas do século XIX. Como demonstra a autora, Taunay produziu relatos, diários, ensaios, romances e memórias sobre o que viu e viveu a partir de sua participação como *correspondente militar* na Guerra do Paraguai, de sua relação e proximidade com a família imperial e sobre os cargos políticos ocupados. Descreveu em seus textos a paisagem nacional, desde a metrópole carioca até os sertões mato-grossenses e almejou registrar através destes a história de seus habitantes. O autor foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e participou do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, contudo, ainda assim, não é raro que a menção a seu nome ocorra apenas em razão de outros. É o caso, por exemplo, de sua aproximação com outro *correspondente militar*, Euclides da Cunha (1866-1909), que Maretti (2006, p. 56) chama de “quase óbvia”.

A princípio, a expressão “quase óbvia” é intrigante. Do “quase”, presumo que o nome de Taunay não aparece *sempre* quando se fala de Cunha ou *Os sertões*. Ainda assim, a aproximação parece *óbvia*, uma relação claramente possível de ser feita, independentemente da frequência. Problematizando essa situação, me pergunto, no presente texto, acerca de quais fundamentos da escrita da história operada pelos autores possibilitam essa aproximação.

Para responder à questão, tomo as estratégias de análise propostas pela noção de *regimes historiográficos*, apresentada por François Hartog e Gérard Lenclud (1993) e retomada na última década por María Inés Mudrovcic (2013) e Fernando Nicolazzi (2017). Em sua acepção original, Hartog e Lenclud diferem os *regimes de historicidade* dos *regimes historiográficos*, enquanto o primeiro se refere a um modo de relacionar formas culturalmente delimitadas

de experiência e ordenação (do tempo) passado, presente e futuro (*historicidade*), o segundo entende diferentes *historiografias*, realizadas, pensadas, definidas, propostas ou validadas a partir de diferentes modos de se operacionalizar as escritas da história que partem desta experiência ao mesmo tempo em que contribuem para sua configuração. Um *regime de historicidade* pode então possibilitar modos coexistentes de “tipos de história” (Hartog, 2013, p. 39), “escrita, narrada e difundida segundo regras e protocolos distintos e, sobretudo, de acordo com demandas, modos de difusão e formas de recepção” (Nicolazzi, 2019, p. 212) diferentes. A produção historiográfica e os arredores que permeiam sua definição e aceção configuram um “lugar privilegiado para buscar um regime historiográfico” (Mudrovic, 2013, p. 29), trata-se, portanto, de uma categoria rica à história da historiografia quando somada à noção de *operação historiográfica* de Michel de Certeau (2011). Refletir a partir dos *regimes historiográficos* proporciona integrar outros elementos à análise de operações historiográficas ao considerarmos, em especial, a demanda, a recepção, a avaliação e a legitimação destes modos possíveis de escrita da história, bem como seu relacionamento com o *regime de historicidade*. Assim, “se a operação historiográfica nos remete para o centro do trabalho histórico, um regime historiográfico direciona o olhar analítico ao seu entorno, às expectativas projetadas a ela e as suas formas de recepção” (Nicolazzi, 2017, p. 26).

Tendo em vista a variedade temática e literária abordada por Taunay e Cunha, recorro essa aproximação pelo tema que toca diretamente os dois: a guerra, ou melhor, a guerra registrada em seus diários que, posteriormente, foram publicados como livros. Assim, persigo a relação entre os autores pela chave da função ocupada por ambos: a de *correspondente militar*, escritores nomeados e enviados aos cenários de guerra para registrar e noticiar seus acontecimentos. Como proposta advinda dos *regimes historiográficos*, busco neste artigo analisar seus diários², ocupados de registrar a história das guerras;

² Os diários de Alfredo Taunay foram publicados em diversas partes e edições, para esse estudo utilizei as seguintes publicações: (Taunay, 1874; 1869; 1958). O diário de Euclides da Cunha, por sua vez, foi reunido em (Cunha, 2000).

as obras resultantes destes³ e a avaliação, recepção e divulgação que os autores receberam após a publicação de suas obras. Reunindo, assim, o estudo de suas operações historiográficas e a leitura posterior que as recepcionou. Na análise, me deparei com a recorrência do termo *literatura Militar*, agrupando os dois autores entre os elogios a obras que tomaram as guerras como tema. A relação de práticas e escritas valorizadas, somadas a análise de seus diários, compõem a imagem de um *regime historiográfico* produzido por *correspondentes militares* e dedicado a registrar, especificamente, a história de duas guerras nacionais na segunda metade do século XIX.

Ver, ouvir, ler e registrar: a literatura militar

Compondo os exemplos que fundamentam a categoria de *literatura militar*, temos o texto “Tradições Militares”, escrito por Afonso Taunay⁴ e publicado na edição de 28 de outubro de 1918 do *Correio Paulistano*. O artigo toma grande parte da primeira página da edição e chama a atenção para a “nossa, tão mal explorada ainda, história militar anedótica” (Taunay, 1918, p. 1). Com a presença urgente da Primeira Guerra Mundial, o historiador Afonso Taunay exprime sua opinião sobre a necessidade de remendar, efetivamente, a história militar nacional, até então “lacunosa”. Esse mosaico imagético das guerras nacionais deveria ser montado com as memórias e reminiscências. Em tom irônico, responde a “alguns” que diziam que tal “feição literária” não seria possível no Brasil e expõe que, na verdade, o que falta é apenas o trabalho de reunir e “coleccionar” essas fontes que não são escassas. A história militar nacional estaria localizada na “tradição oral”, nas “anedotas espirituosas e brejeiras, salgadas e salgadíssimas, heroicas e arrebatadoras” que “contam-se as centenas em nossas tradições militares” (Taunay, 1918, p. 1). Taunay busca,

³ Os diários escritos por Alfredo Taunay e Euclides da Cunha posteriormente se tornaram material base para a escrita de *A Retirada da Laguna* e *Os sertões*, também serão utilizados em algumas situações.

⁴ Afonso Taunay era, em 1918, sócio do IHGB e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e havia sido contratado no ano anterior como Diretor do Museu Paulista, para transformá-lo em um museu de história adequado às comemorações do Centenário da Independência. Cf. Anhezini, 2011.

então, exemplos para ilustrar sua exposição, encontrando-os em dois nomes: o do general Dionísio Cerqueira (1847-1910) e o de seu próprio pai, Alfredo d’Escragnoille Taunay, dois personagens atuantes na Guerra do Paraguai. “Em nossa *literatura militar*”, o *Reminiscências de Dionísio Cerqueira* era uma obra “recheada de excelentes documentos humanos, capazes de orientar o observador acerca da mentalidade das nossas forças na campanha do Paraguai”, contendo “páginas de tão amena quanto empolgante leitura” (Taunay, 1918, p. 1). Sobre seu pai, aproveita a oportunidade de relacioná-lo diretamente a Dionísio Cerqueira, tecendo elogios a seus textos, àqueles publicados ou a outros ainda por publicar. Dionísio Cerqueira não foi um correspondente militar, logo não produziu diários e não buscou registrar a guerra ao passo que ocorria, mas escreveu suas memórias sobre o acontecimento com qualidades e critérios suficientes para que Afonso Taunay o colocasse em um degrau próximo ao do próprio pai nesta *literatura militar*.

Essa categoria já havia aparecido no mesmo jornal, oito anos antes, na edição do dia 15 de maio de 1910, três meses após a morte do mesmo veterano de guerra lembrado por Afonso Taunay, quando o *Correio Paulistano* publicou um texto com o título *A Campanha do Paraguai: As reminiscências do general Dionysio Cerqueira*. O breve artigo ocupou metade da primeira coluna da quarta página do abarrotado jornal, sem autoria ou assinatura. Seu conteúdo comenta sobre a morte do veterano e anuncia a publicação de um extenso volume de mais de oitocentas páginas contendo suas memórias. O livro, como consta, estaria destinado a se fixar em “nossa literatura”, mais especificamente, em nossa “*literatura militar*”, destacado por sua “linguagem boa e espontânea, sem artifícios”, que evoca e traz à tona um “passado de glórias” do universo militar nacional (A Campanha, 1910, p. 4). Fazendo mais do que apenas exaltar as conhecidas personagens de conhecidas batalhas da Guerra do Paraguai, as honras do memorial de Dionísio Cerqueira não se limitaram “a glorificação dos heróis que a História recolheu”, mas “fez reviver heróis ignorados, os que morreram ao seu lado nas fileiras dizimadas pela metralhadora inimiga” (A Campanha, 1910, p. 4). Essa perspectiva cativante advinda do íntimo

imaginário soldadesco deveria conferir ao leitor um acesso mais profundo e humanizado ao evento, a oportunidade de sentir “em cada página uma emoção mais intensa” (A Campanha, 1910, p. 4), distante do formato dos balanços cotidianos e frios noticiários oficiais, o que, na opinião expressada pelo artigo, posiciona o militar e suas *Reminiscências* em um pódio honroso na literatura de guerra nacional.

Segundo o artigo, ainda que um proeminente exemplo, o *Reminiscências* do general não era um título solitário nessa literatura específica. O livro figuraria “sem desdouro, ao lado das melhores produções da nossa *literatura militar*, onde ‘Os sertões’, de Euclides da Cunha, e a ‘Retirada da Laguna’ do Visconde de Taunay, perdurarão como obras primas” (A Campanha, 1910, p. 4). Assim, buscando divulgar a publicação anunciada, o texto assume Alfredo Taunay e Euclides da Cunha como referências máximas de uma categoria específica da literatura nacional que aborda as guerras sob uma ótica intimista e uma linguagem boa e espontânea.

De todo modo, os dois artigos citados do *Correio Paulistano* não foram os primeiros a posicionar, lado a lado, as obras de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha como exemplos de boas narrativas militares. A primeira menção ocorre logo quando possível, com a publicação de “*Os sertões*”:

Eis aí um livro raro de nossa literatura, que já conta com outro igual no assunto: *A retirada da Laguna*, que causou assombro aos estrategistas alemães, que a compararam à *Retirada dos dez mil*, de Xenofonte (Novaes, 2003, p. 112).

Publicado em 31 de janeiro de 1903 pela *Revista do Centro de Ciências e Artes* de Campinas, um mês após o celebrado lançamento do livro de Euclides da Cunha, este trecho abre a crítica-ensaio do botânico José de Campos Novaes, carregada de elogios à *Os sertões*. A primeira impressão de Novaes sobre Cunha foi das melhores, como declara ao destacar “o seu espírito ilustrado e observador, com lampejos de um temperamento excitável e naturalmente veemente” (Novaes, 2003, p. 112). Sobre a obra, o crítico aponta a escrita difícil realizada através de um estilo belo, claro, preciso e técnico, mas que não

propriamente corresponde a uma *linguagem científica*. Entre os elogios e ressalvas a obra recém-publicada, Novaes inaugura a comparação e aproximação entre *Os sertões* e *A Retirada da Laguna*, de Alfredo Taunay, em tema e estilo, exemplos de obras derivadas de diários de guerra, produzidos pela presença de Taunay na Guerra do Paraguai e de Euclides da Cunha na Guerra de Canudos.

Com os exemplos, temos uma ideia mais clara sobre os critérios que valorizam essa literatura, ordenados especialmente ao redor do estilo das escritas e de uma apresentação íntima das cenas de guerra e de seus personagens, guiadas, especialmente, pelo sentido da visão. Carrego comigo essas impressões para a leitura dos diários.

Registrar e relatar as cenas de guerra e de viagem: a autópsia da guerra e dos sertões

Como introduzido, Alfredo Taunay e Euclides da Cunha foram nomeados e contratados sob a função de acompanhar, ver, registrar e relatar o caminhar e a ação das tropas em cada uma de suas respectivas guerras. Para resolver a função, os autores se utilizaram de diários escritos e majoritariamente publicados ainda durante o andamento das guerras. Nestes textos, o caráter é de praticidade, velocidade e volumosa descrição. Assim, mesmo que no caminhar das tropas não houvesse tempo para refletir sobre os acontecimentos em mais do que alguns parágrafos, muitas páginas foram dedicadas a construir textualmente os cenários encontrados, fossem eles naturais ou em função da guerra. Posteriormente Taunay e Cunha se serviram destes relatórios para a escrita de diversos outros livros, como *A Retirada da Laguna*, *Os sertões* e *Inocência*. No caso de Taunay, os diários e relatórios foram destinados aos oficiais do exército e do império, mas alguns trechos foram publicados pela Revista do IHGB sob o título de *memória descritiva*, e pela revista carioca *Semana Ilustrada* em uma série de cartas.

Os diários de Euclides da Cunha, por sua vez, foram publicados periodicamente na coluna *Diário de uma expedição* durante a Guerra de Canudos, fixa na primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo*, com o qual o correspondente manteve contrato. Como bem afirma Wilma Peres Costa (2003, p. 69), o relato em diário é um “exercício privilegiado de alteridade”, movido pela comparação entre origem, caminho e destino,

observar judiciosamente, estabelecer juízos críticos, propor reformas, condenar práticas incivilizadas, são alguns dos conteúdos que se espera desse tipo de relato, que reforça identidades dos conterrâneos do viajante, onde esse registro é primeiramente publicado. O mercado editorial, as revistas científicas publicadas pelas academias e sociedades científicas multiplicam os espaços de difusão dos relatos de viagem e dos relatórios científicos por elas produzidas (Costa, 2003, p. 69).

“Só os viajantes o devem consultar” (Taunay, 1869, p. 5). Com essa afirmativa incisiva, Alfredo Taunay inicia o excerto do seu diário denominado *Viagem de Regresso de Mato-Grosso à Corte*, publicado pela Revista do IHGB em 1869. Somente àqueles que poderiam fazer de seu texto útil deveriam interessar o relato. Sua posição demarca um confronto entre textos utilitários e pretensões literárias, que não coadunam de feito coma rapidez de uma viagem que é “descrita ao correr da pena [...], quase que a galope” (Taunay, 1869, p. 5). Trata-se, de uma produção narrativa operada para uma função específica, uma historiografia elaborada para guerra. A história ali estava sendo registrada, sendo feita documento para uma futura utilização.

Avisos e enunciados parecidos são frequentes em seus textos e encontrados em prefácios de outras partes publicadas de seu diário, como por exemplo *A Campanha da Cordilheira*. Neste, além da ausência do trato literário, declara ainda a falta da “indagação do filósofo” e do “pensador juiz da imparcialidade” (Taunay, 1958, p. 9) dentre as reflexões. Na introdução do *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros*, publicado pela Revista do IHGB em 1874, seu adendo é menos restrito: o texto deveria servir para “aqueles que se ocupam com a corografia do Brasil”, mas também prestar um serviço,

“modesto, mas real”, com os “companheiros de campanha e de perigos que comigo concorreram para a execução deste trabalho”, uma homenagem publicada “nas páginas da conceituada *Revista*” (Taunay 1874, p. 80), para que fosse arquivada e facilmente consultada.

Dessa forma, Taunay buscou constantemente definir função a seus textos e possíveis leitores para os quais endereçou as publicações de seus diários. Sua operação tinha como foco estes usos, e foi assim reconhecida posteriormente. Essa classificação documental recebida pelos diários é confirmada pelos prefácios escritos por seu filho, que em reedição ao *Campanha da Cordilheira* decide “melhorar” a linguagem que ele considera descuidada, ainda que própria da época, “dando-lhe feição mais moderna e atraente, mas respeitando o texto escrupulosamente” (Taunay, 1958, p. 23). Os diários deveriam primeiro cumprir sua principal demanda: oferecer ao “exame e a apreciação dos estudiosos” (Taunay, 1874, p. 80) o registro dos acontecimentos. A beleza da literatura e o olhar imparcial seriam dispensáveis pelo menos neste primeiro momento, mas uma história da guerra só seria realizada com a soma destes elementos. A *autópsia* de Taunay, elemento marcante desse regime historiográfico, não seria suficiente para estabelecer história, um segundo trabalho deveria ser realizado, à distância dos acontecimentos, como demonstra Eduardo Wright Cardoso (2023, p. 15)

A autópsia, concebida a partir do eixo da distância histórica, adquire, enfim, maior espessura e detalhamento: ela pode ser indagada a partir de diferentes modalidades e investigada a partir das medi(a)ções que oscilam entre a proximidade e o distanciamento em relação ao passado, aos locais e aos documentos e fontes acessados na prática historiográfica.

Esse diálogo entre produção e recepção dessa forma específica de historiografia evidenciam o caráter imediatista da *literatura militar*. O registro deveria ser realizado o quanto antes para consulta e uso posterior. Trata-se, portanto, de uma produção planejada de documentos históricos para uma eventual história desta guerra ainda em andamento, o mesmo poderá ser observado adiante, nos diários de Cunha.

É importante destacar que Alfredo Taunay fez parte da Comissão de Engenheiros das tropas nacionais, que tinham como função, além do relatório do diário da campanha, realizar trabalhos técnicos, topográficos e práticos, oferecendo aos oficiais do exército a consultoria necessária para a resolução de eventuais problemas, como por exemplo a travessia de rios. Sendo o responsável pelo relatório do diário, Taunay se inclui na narrativa em terceira pessoa, assim como qualquer outro integrante da comissão, mas por vezes usa a primeira pessoa do plural, em especial nas notas de rodapé, adicionadas posteriormente, e para se referir a acontecimentos no passado. Essas notas são frequentemente extensas e explicativas, cumprindo a função de esclarecer e acrescentar informações consideradas relevantes para o narrar dos dias. Segundo Wilma Peres Costa (2003, p. 62), o cultivo da escrita em trânsito reverbera a impregnação que a escrita humboldtiana trouxe para a descrição romântica. No século XIX, a *viagem* se diferencia da *peregrinação*, e passa a ser realizada

não apenas como estratégia de autoconhecimento, mas também de conhecimento objetivo e científico do mundo, a partir das duas grandes correntes que alimentam de forma combinada e contraditória o século XIX, o Romantismo e o espírito científico. A diferença essencial entre esses dois tipos de deslocamento não está no projeto, nem no seu trajeto, mas no impulso que os move (Costa, 2003, p. 62).

Desse modo, as dificuldades, as batalhas e as mortes encontradas nas viagens de Taunay são descritas sob um suporte cientificista, mas não escondem de todo as vozes de admiração, emoção e horror do autor. Estas situações são anunciadas ao passo que ocorrem e o meio é descrito ao encontro. Ao narrar esse trânsito, Taunay se interessa pelo que chama de *fraseologia* do sertanejo, seu vocabulário, em especial aos nomes dados pelos moradores da região aos rios e as vegetações encontradas. Em certo momento do texto, divulga a marcante noite sertaneja, onde, mesmo que acometidos pelas mais diversas dificuldades e transtornos

uma noite no sertão é bela. Quando o céu refulge com cintilações que as cidades não conhecem, a inspiração voa longe sem seguir intento nem formar realizações; à maneira dos pássaros de longo voo, adeja como imóvel, mas não está parado para poder de momento sulcar grandes espaços. Raras contudo são essas contemplações; ali vem o sono, que cerra as pálpebras, fecha o caminho do espírito e prepara o corpo para as fadigas da viagem de amanhã. Que sonos se dormem no sertão?! Tão doces! (Taunay, 1869, p. 20).

Nos diários publicados pela Revista do IHGB, as batalhas até assumem posição coadjuvante, perdendo espaço ante as úteis descrições do extenso terreno percorrido e medido. Interessava mais aos possíveis leitores, *futuros viajantes*, descrever a profundidade do cenário brasileiro, bem como as dificuldades encontradas em seu atravessamento, as cidades e povoados descritos, seus habitantes, fauna e flora, a largura dos rios e o trabalho necessário para vencê-los.

Euclides da Cunha, por sua vez, posiciona-se em seus diários em primeira pessoa do singular, declarando suas participações, suas observações e suas ações. Busca situar constantemente o leitor ao posto de observador. Parte dos comentários sobre a guerra, seu cenário e seus personagens foram realizados antes mesmo da chegada em Canudos, já que seu diário se inicia na partida para Salvador; e a maioria dos dias narrados foram escritos em considerável segurança, distante da ação. Mesmo durante o famoso cerco de Monte Santo, Cunha admite observar a troca de tiros de longe, e só declara ter uma arma em mãos durante um passeio por uma Canudos já vastamente destruída ao fim da campanha. Quando impossibilitado de verificar pessoalmente o narrado, utiliza-se do relato de diversas testemunhas oculares entre soldados e jagunços capturados para interrogatório, ainda que nem todas sejam considerados por ele confiáveis. Ainda assim, faz questão de aumentar sua gama de testemunhas e testemunhos, estando presente durante diversos desses interrogatórios, onde faz perguntas e recebe respostas, que nem sempre o agradam.

No trato sobre os sertões, Taunay e Cunha compartilham a definição que considera, de maneira geral, “sertão” como um território afastado do litoral e,

consequentemente, afastado da civilização, com pouca ou nenhuma habitação. No *Diário de uma Expedição* de Cunha, a pequena cidade de Queimadas seria o último elo com as “terras civilizadas” (Cunha, 2000, p. 134), mesmo que já estivesse em terras sertanejas. Ao Norte, os sertões, ao Sul, a República. Foi durante a estadia em Queimadas que conheceu e adentrou pela primeira vez nas caatingas, na estrada rumo a Monte Santo. Em *Viagem de regresso de Mato-Grosso à Corte*, Taunay demarca um ponto parecido: o vilarejo de São Bento de Araraquara seria o fim do sertão, já distante das solidões do interior, marcando o início das estradas retas e hospedarias mais ou menos abastecidas e rumando à civilizada São Paulo.

O sertão de Cunha caracteriza o palco dos acontecimentos, *Nossa Vendéia*, e seus habitantes, *rudés patrícios*, são os principais personagens da peça. Os objetivos do autor e do exército se confundem nas páginas de seu diário: trazer aquela cidade à civilização, derrubando o controle de Conselheiro e escrevendo sua história. Admite não ser o primeiro no intento, mas somente a luz dos “acontecimentos recentes” (Cunha, 2000, p. 43) pode tornar a região de Canudos realmente histórica. Diferente dos sertões de Euclides da Cunha, o sertão mato-grossense de Taunay representa o percurso para a batalha. É frequentemente descrito como belo, quase fantasioso, de paisagem amena, pastos lindíssimos, mas ainda melancólicos, marcado pelo cerrado plano, com estradas acidentadas que melhoram aos poucos rumo ao sul, cortado por matas fechadas e grandes rios em certos pontos. O “deserto” dos sertões de Taunay não se refere ao clima, mas à solidão, marcada pela monotonia.

Desse modo, as cenas naturais e de batalhas foram condensadas em texto para que chegassem ao governo e aos possíveis leitores. Essa profunda descrição, elogiada pelos comentadores que incluem Taunay e Cunha na *literatura militar*, caracteriza uma prática cara a esses autores: o ato de ver.

A *autópsia* já foi discutida na obra de Euclides da Cunha. Em especial, Fernando Nicolazzi (2009) e Nathália Sanglard (2013) se dedicaram à análise do olhar em *Os sertões*. Sobre o olhar de Alfredo Taunay, Lúcia Stumpf (2019) trabalhou com os desenhos produzidos pelo autor durante seu trajeto pelo Mato

Grosso. Estes estudos contribuem para pensarmos as diferenças entre ver, ouvir e ler, como apresentado por François Hartog.

Segundo Hartog (2011, p. 80), na antiguidade em Tucídides, “o saber histórico se fundamenta na *autópsia* [...] e se organiza com base nos dados fornecidos por essa; o olhar está no centro da história, e a história se faz no presente”. Continua ele, demonstrando que no século XIX, Tucídides é tomado como um modelo a ser seguido pelos historiadores que entendiam “história” como “história do passado”; e “fazer história” como a prática e utilização dos arquivos. Nessa moderna aplicação da *autópsia*, o olho do viajante deveria balizar o espaço conhecido, ver por si para verificar, confirmar ou descreditar o que foi visto por outros, “esquadrinhar-se o que a visão alheia apreendeu se amoldava à realidade” (Sanglard, 2013, 130), em um papel também investigador, a visão é confrontada com a leitura. O “eu vi” surge como marca de enunciação do olhar, demarcando credibilidade e prova da narrativa. Na escrita dos diários de Taunay, a marca aparece no plural, no “vimos” e avistamos” (Taunay, 1869, p. 13), creditada, não somente a si, mas à Comissão de Engenheiros ou ao batalhão que integrou. Como demonstra Anhezini, a visão de Taunay em seus textos foi reconhecida e valorizada por Capistrano de Abreu, que o posicionou como o pioneiro dentre aqueles que descreveram os sertões pela “experiência e autópsia” (Anhezini, 2011, p. 97). Nos diários de Cunha, o singular reveza com o plural, mesclando o “avistei” e o “pude verificar” com o “vimos que”. Em ambos os casos, busca-se ainda localizar outro observador possível: o futuro viajante que por ali passar, marcando, mais uma vez, a utilidade de seus diários. Segundo Sanglard (2013, p. 139), esta marca de enunciação serviria como um empréstimo do olhar do autor ao leitor, que, persuadido pelo prisma de quem presenciou os eventos, poderia então ser convencido da narrativa.

Encontramos tanto em Alfredo Taunay como em Euclides da Cunha inspirações e referências a autores clássicos, em especial, Xenofonte e Tucídides. Taunay, por exemplo, dá início a *Retirada da Laguna* buscando localizar o objeto de sua narrativa em uma categoria sequencial de histórias e

manobras militares que têm origem em *Anábase – A retirada dos dez mil* de Xenofonte. Segundo comenta, a dificuldade das *retiradas*, “mais perigosas do que qualquer outra” (Taunay, 1997, p. 11) manobra de guerra, são relevantes pois atraem a atenção da história pela diversidade dos perigos e pela dos sofrimentos. Falar de um movimento como foi a *retirada dos dez mil* garantia lugar e validade a seu relato, especialmente por que viu e participou do evento. Como parafraseado no início desse artigo, José Campos Novaes (2013) reafirma a relação entre Taunay e Xenofonte quase quarenta anos depois, naquele mesmo texto em que inaugurou a aproximação entre Taunay e Cunha.

Posso citar ainda três outras situações em que Taunay é comparado a Xenofonte. A primeira, como critério de associação ao IHGB, Taunay apresenta o *Relatório da Comissão* e uma versão prévia do livro *Cenas de Viagem* para avaliação de pareceristas do Instituto. No relatório redigido pelo conselheiro Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, *A Retirada da Laguna* é descrita como “uma brilhante página da nossa história contemporânea”; e Taunay, como “um dos mais esperançosos oficiais de nosso heroico exército, descreve o que viu, o que praticou, à guisa de Xenofonte, com singular modéstia e invejável candura” (Pinheiro, 1868, p. 419), demarcando em sua escrita um aspecto de sua prática: a “visão”. O segundo exemplo consta no prefácio escrito por João Ribeiro para *Recordações de Guerra e de Viagem*, onde afirma que Taunay “não era um poeta, mas um romancista, e por isso mesmo, um criador de valores. Acresce ainda a esses dotes a glória ao soldado que como Xenofonte resgatava o desengano da vitória escrevendo a memorável retirada”; sobre o livro, continua, “*A Retirada da Laguna* – é um verdadeiro poema, um dos mais formosos – *epos* – da nossa literatura. Não era um – *Anabasis* – mas uma contra-invasão desastrosa” (Ribeiro, 2008, p. 10). Por último, Taunay é citado como “Xenofonte brasileiro” (Anhezini, 2011, p. 103) pelo parecerista Ramiz Galvão no momento de recepção do filho, Afonso Taunay como sócio do IHGB. Devidas classificações e proporções dadas, as comparações servem como critério qualitativo, uma referência positiva para a confirmação da relevância de Alfredo Taunay, ou, no último caso, para a recepção de Afonso. Para João

Ribeiro, Taunay até poderia criar valores em seus textos, mas ainda escreve à guisa de uma boa referência como Xenofonte.

Nos diários escritos a caminho do povoado de Canudos, as referências clássicas são lembradas de tempos em tempos por Euclides da Cunha, especialmente para demonstrar o atraso e o deslocamento temporal dos *jagunços*, distantes, em todos os aspectos, de seu tempo e do restante da civilização brasileira. Já na famosa segunda edição de *Os sertões*, que corrige e acrescenta trechos da obra, Tucídides aparece citado em nota, como um

narrador fiel das coisas que ele próprio testemunhou, surge nas páginas do livro para informar ao leitor que aquele que ali escreve, embora sem a mesma “visão aquilina” do historiador grego, também assim o fez porque viu e porque presenciou os feitos ora narrados (Nicolazzi, 2009, p. 68).

A visão de Euclides da Cunha, assim como a de Tucídides, seria prova da veracidade⁵, ou pelo menos, da “adequação a realidade” (Hartog, 2011, p. 80) dos acontecimentos narrados. Em Taunay, segundo Karina Anhezini (2011, p. 96), a presença da demarcação do “eu vi” pode ser entendida como a busca de evidência e preocupação pelo testemunho de “verdade”, mais uma vez, como uma prova do narrado, sendo elemento identificável ainda nos primeiros textos que compõem sua expedição. Segundo Hartog (1999, p. 273), a retórica da alteridade, ou a escrita que busca distanciar o *eu* do *outro*, se inscreve e se desenvolve entre o olho e o ouvido: o olho do viajante, o ouvido do público.

O espelhamento entre práticas modernas e antigas, identificadas por Hartog, faz parte de um modo específico de operação historiográfica do Brasil oitocentista que compartilhava topos nos procedimentos operados para produção de documentos úteis à escrita da história. Neste cenário, demonstra Rodrigo Turin (2011) como a autoridade clássica é resgatada, coexiste e é confrontada com a elaboração de uma escrita moderna e científica da história nacional; não configura necessariamente um caráter estruturante, mas é

⁵ Os textos de Varnhagen aparecem como outros exemplos da prática da *autópsia* no século XIX, “ele sabia por que havia visto. A autópsia, adotada por ele e por outros, tornou-se garantia da opinião e da crença” (Cezar, 2018, p. 43).

entendida como uma metáfora. Segundo Temístocles Cezar (2019, p. 22), a busca do rigor científico pelas propostas de nação do IHGB não evitou a manutenção de topos antigos, que eram lembrados a partir de Cícero, Plínio, Tácito, Plutarco e outros:

Tais propostas, além de contribuírem para a padronização de novos paradigmas para a pesquisa, notadamente a busca pela cientificidade, também ratificaram aporias e dificuldades da escrita da história, sobretudo aquelas inerentes à instável narrativa do período, marcada pela oscilação entre a orientação hodierna, ou moderna, e os pressupostos pretéritos, ou antigos, da historiografia ocidental, entre os quais a sombra ou a luz da *historia magistra vitae*.

Assim, os autores clássicos aparecem reapropriados dentro uma historiografia em desenvolvimento durante o século XIX, centralizado pelo IHGB, assumindo novas funcionalidades de acordo com as práticas em aplicação. Demarcando suas práticas, Euclides da Cunha dedicou parte de sua viagem a Salvador a consulta de documentos, quando fez questão de visitar “a poeira dos arquivos, de que muita gente fala sem nunca ter visto ou sentido” (Cunha, 2000, p. 116). Durante a estadia, o autor lamentou não ter ido mais fundo nas pesquisas, alegando falta de tempo, mas não deixou a oportunidade passar. Este registro é interessante para entender as práticas valorizadas pelo autor, que buscou acumular documentação de referência anos antes da publicação de “*Os sertões*”:

sob o domínio de impressões vivíssimas e diversas, num investigar constante acerca do nosso passado, vindo, intacto quase aos nossos dias, dentro desta cidade tradicional, como uma redoma imensa.

E lamentei que o objetivo exclusivo da viagem obstasse à manifestação de muitas coisas interessantes que dele se afastam.

A poeira dos arquivos de que muita gente fala sem nunca a ter visto ou sentido, surgindo tenuíssima de páginas que se esfarelam ainda quando delicadamente folheadas, esta poeira clássica – adjetivemos com firmeza – que cai sobre os tenazes investigadores ao investirem contra as longas veredas do passado, levanto-a diariamente. E não tem sido improffcuo o esforço (Cunha, 2000, p. 116).

Segundo declara, encontra nos arquivos visitados artigos e livros que oferecem dados estatísticos valiosos e notas interessantes acerca desse passado quase intacto no presente, essa “existência primitiva” (Cunha, 2000, p. 119) das mais afastadas povoações, incluindo a cidadela de Antônio Conselheiro, cuja significação dada em seu presente é maior que à época em que foram escritos. Analisou e transcreveu textos que citam Antônio Conselheiro anos antes do início da guerra, buscando convencer a si e aos leitores de que todo o desgaste poderia ter sido evitado caso o personagem sertanejo tivesse recebido a atenção necessária.

No caminho de seus sertões, Taunay não encontra arquivos, mas também carrega suas referências modernas. Assume ser viajante como foi Henry Buckle, Alexander Humboldt, Karl Von Martius e Auguste de Saint Hilaire, os cita e, quando considera necessário, demonstra seus equívocos. Cunha, mobiliza autores como Montesquieu, Ernest Renan, Stuart Mill e compartilha as referências de Taunay. Nesse caso, para os dois autores, opera-se também o “eu li”, que os posiciona em um lugar subsequente aos predecessores e prepara terreno aos posteriores, futuros leitores e viajantes.

Depois da *ópsis* vem a *akoé*, não apenas o *eu vi*, mas o *eu ouvi*. Segundo Hartog (1999), o recurso da audição aparece como mais um modo de intervenção do narrador em seu texto, uma marca de enunciação utilizada na antiguidade quando o olhar não é possível. E, mais uma vez, a marca aparece nos dois correspondentes, evidenciada pela exposição de testemunhas. A alteridade entra de novo em cena, desta vez para pontuar os critérios de autoridade que diferem as testemunhas deste narrador que é encarregado de registrar. Assim, a testemunha é convocada como um meio de responder: “de que modo narrar como se eu tivesse visto o que não vi, nem podia ter visto?” (Hartog, 2011, p. 203), ou ainda, como fazer ver ao leitor o que era impossível, no tempo ou espaço, ver por si mesmo?

Nos diários e na obra definitiva, *Os sertões*, Euclides mobiliza no texto diferentes grupos de testemunhas, que passam por filtros de credibilidade diferentes. Em *A Luta*, recebe notícias de soldados, interroga *jagunços*

capturados e conversa com os oficiais do exército. Nos telegramas enviados ao *O Estado de S. Paulo* durante a guerra, Euclides da Cunha se esforça para desmitificar boatos a partir de fontes confiáveis. Nos interrogatórios reproduzidos em seu diário de campo, a maioria das perguntas giram ao redor dos falsos mitos sobre Conselheiro, em uma declarada tentativa de afastá-lo de sua figura mística e milagrosa, transformando-o em nada mais que um “grande homem pelo avesso” (Cunha, 2000, p. 123), contrastante com aquela ideia primeira de conspiracionista divulgada anteriormente, em *A Nossa Vendéia*⁶. As testemunhas e seus testemunhos certificam nova autoridade ao exposto, uma vez confrontadas com outros documentos e saberes.

Taunay, por outro lado, teve breve contato com o inimigo, descrevendo-os sempre pela distância. O que não o impediu de mobilizar testemunhas, neste caso os habitantes do sertão, as diversas *inocências*⁷, os indígenas e moradores de casas isoladas, donos e trabalhadores de hospitaleiras fazendas e pousadas visitadas no percurso são as reprodutoras orais das histórias locais, ao coletar e registrar suas histórias, Taunay transforma a oralidade dos pequenos sertões em uma grande história do sertão mato-grossense.

Dessa maneira, nos dois casos, a enunciação do *eu ouvi*, quando passível de crítica, ocupa nessa *literatura militar* um lugar próximo às práticas vinculadas a visão e da leitura. Ver por si mesmo, buscar arquivos e mobilizar as referências necessárias garante a autoridade para que os encarregados deste trabalho possam mediar e documentar as testemunhas e seus relatos em seus diários.

Delimitando um regime historiográfico

Voltando ao ponto de partida, aos dois artigos publicados no *Correio Paulistano*, temos o elemento componente essencial à categoria de *regimes*

⁶ Antes de embarcar para o estado da Bahia, Euclides da Cunha publicou dois artigos chamados de *A Nossa Vendéia*, onde expôs considerações prévias sobre a guerra, antes que pudesse verificar por si mesmo.

⁷ Taunay reitera diversas vezes que se inspirou nesses encontros para construir sua personagem *Inocência*.

historiográficos, pela qual a *literatura militar* de Taunay e Cunha é categorizada: a recepção à operação realizada pelos dois autores demonstra uma forma de validação dessa forma específica de produção histórica, categorizando como exemplos de uma boa *literatura militar* os livros que apresentam uma escrita anedótica, repleta de contos interessantes pelos quais os leitores poderiam visualizar os acontecimentos de perto, realizada pela autoridade de autores que viveram os conflitos narrados; um texto que oriente o leitor acerca da mentalidade dos atores da guerra, que seja, assim, detalhista em relação ao cotidiano das tropas nacionais; ainda, é elogiável o “visceral recato de linguagem”, não escrito em uma linguagem “soldadesca” (Taunay, 1918, p. 1), algo destacado nas *Reminiscências* de Dionísio Cerqueira e nos livros de Alfredo Taunay. Para o historiador Afonso, havia na escrita de Alfredo, de fato, todos os critérios necessários para que fosse possível posicionar o pai em um degrau de honra na *literatura militar* nacional, ao lado de um grande herói de guerra como Dionísio Cerqueira, em uma categoria literária específica: anedótica, cuidadosa e intimista. No primeiro artigo, anônimo, a comparação coloca *A Retirada da Laguna* e *Os sertões* como exemplos máximos dessa *literatura*. Na crítica de José Campos Novaes a *Os sertões*, a obra de Cunha é aproximada com a de Taunay. Aqui temos o elogio ao estilo, à capacidade de observação, aos procedimentos adotados e à atenção aos critérios científicos, conferindo ao estudo uma função útil, pois poderia ser verificado e replicado.

Com a análise dos textos, conseguimos explorar as práticas que fundamentam estes elogios, compondo, assim, com a leitura de Taunay e Cunha e de suas recepções e críticas, a configuração de um regime historiográfico ocupado de registrar a história da Guerra do Paraguai e da Guerra de Canudos. A *literatura militar* de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha é marcada pelo implemento da *autópsia*, pelo registro e a tradução visual dos acontecimentos e dos cenários, intensa descrição geográfica e botânica, pela praticidade e pela pressa causada pelos intensos dias de marcha e emergência dos conflitos. Ainda que suas escritas tenham sido amplamente elogiadas por Novaes e Afonso Taunay, a preocupação estética, ou o cuidado literário, seria, segundo os

autores, deixada para depois. Com estes textos, o objetivo era reunir dados, fontes, relatos, testemunhos e experiências para que pudessem ser aproveitados em outro momento. Tais práticas são somadas a uma volumosa carga de referências clássicas – como Tucídides e Xenofonte – e teorias geográficas e sociológicas contemporâneas – em especial, Alexander Humboldt, Henry Buckle e Ernest Renan. As batalhas então dividem espaço com uma leitura profunda da ocupação, formação e composição dos povos brasileiros.

Como resultado, tanto Taunay quanto Cunha foram aceitos e elogiados pelas grandes agremiações de homens de letras do período. Os pareceres e recepções foram positivos, o IHGB recebeu os diários de Taunay e o livro de Cunha como valiosos documentos e trabalhos históricos, ressaltando o peso de suas *autópsias* e a importância das obras para as vias do progresso⁸. Em outro exemplo, na ABL, instituição da qual Taunay foi membro fundador, o esforço empenhado na exploração do *Brasil social* por parte de Euclides da Cunha arrancou elogios de Sílvio Romero (1906)⁹. Sua *literatura militar* foi mais uma vez lida como um estudo intimista do retrato anedótico das populações encontradas durante o percurso da guerra. Mesmo com as relações traçadas, não se buscou aqui negar a discrepância na atenção dada à obra de Euclides da Cunha em comparação a Alfredo Taunay, mas sim delimitar um regime historiográfico produzido por correspondentes militares que poderia ser *quase óbvio*, mas foi pouco evidenciado. Como característica elementar dessa categoria, a *literatura militar* de Taunay e Cunha circulou, como demonstrado, em diversos lugares de saber, foi lida, criticada e elogiada como um modo possível de se escrever a história das guerras. Um regime historiográfico que dialoga com práticas e escritas compartilhadas em meio a expectativas e projeções sobre o que deveria definir, de fato, escrever história (das guerras ou de qualquer outro objeto) entre o fim do século XIX e início do XX.

⁸ Avaliações publicadas na revista do IHGB em (Parecer, 1869) e (Pinheiro, 1868).

⁹ Durante a recepção de Euclides da Cunha na ABL, como consta em (Romero, 1906).

Referências

- A CAMPANHA do Paraguai. **O Correio Paulistano**. São Paulo, p. 04. 15 mai. 1910.
- ANHEZINI, Karina. **Um metódico à Brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX**. São Paulo: Autêntica, 2018.
- COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In BASTOS, Elide; RIDENTI, Marcelo; ROLAND, Denis (org.). **Intelectuais: sociedade e política**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HARTOG, François.. **Evidência da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- HARTOG, François.. **Regimes de historicidade**. São Paulo: Autêntica, 2013.
- HARTOG, François; LENCLUD, Gérard. Regimes d'historicité. In: DUTU, Alexandre;
DODILLE, Norbert. **L'état des lieux en sciences sociales**. Paris: L'harmattan, 1993.
- MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- MUDROVICIC, María Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente. **Historiografías**, Zaragoza, n. 5, p.11-31, jun. 2013.
- NICOLAZZI, Fernando. A história e seus passados: regimes historiográficos e a escrita da história. In: BENTIVOGLIO, Julio; NASCIMENTO, Bruno César (Org.). **Escrever História: Historiadores e Historiografia Brasileira nos séculos XIX e XX**. Serra: Milfontes, 2017. p. 7-36.

NICOLAZZI, Fernando. O Narrador e o Viajante: notas sobre a retórica do olhar em Os sertões. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 2, p. 67-85, 2009.

NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 203-222, mai. 2019.

NOVAES, José de Campos. Os sertões (Campanha de Canudos), por Euclides da Cunha. In: NASCIMENTO, José Leonardo do; FACIOLLI, Valentim. **Juízos críticos**. 1. ed. São Paulo: Nankin e Unesp, 2003.

PARECER da comissão subsidiária de trabalhos geográficos acerca das Scenas de Viagem, por A. d'E. Taunay. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, T. 32, pt. 2, p. 299-301. 1869.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Relatório do primeiro secretário. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo XXXI, pt. 2, p. 405-420, jul. 1868.

RIBEIRO, João. Prefácio. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille. **Recordações de Guerra e de Viagem**. Brasília: Senado Federal, 2008.

ROMERO, Sílvio. **Discurso de recepção a Euclides da Cunha**. 18 dez. 1906. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/discurso-de-recepcao>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SANGLARD, Nathália. Sobre o olhar, o testemunho e a experiência de Euclides da Cunha nos sertões baianos. **ARS HISTORICA**, v. 6, p. 128-147, 2013.

STUMPF, Lúcia Klück. **Fragmentos de Guerra**. 463 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TAUNAY, Afonso de Escragnoille. Tradições Militares. **O Correio Paulistano**. São Paulo, p. 01. 28 out. 1918.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille. **A Retirada da Laguna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille. **Diário do Exército, 1869 – 1870, De Campo Grande à Aquidabã, A Campanha da Cordilheira**. Biblioteca do Exército-Editora: Rio de Janeiro, 1958.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille. Relatório geral da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província do Mato Grosso. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, T. 37, pt. 2, p. 79-177; 209-339, 1874.

TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Viagem de Regresso de Mato-Grosso à Corte: memória descritiva. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo XXXII, Segunda Parte, p. 5-51, jul. 1869.

TURIN, Rodrigo. Os antigos e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). **L’Atelier Du Centre de Recherches Historiques**, jul. 2011.

WRIGHT CARDOSO, Eduardo. **A autópsia como recurso à escrita da história**: o valor da visualidade na historiografia brasileira durante o século XIX. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–25, 2023.

Recebido em: 30 de agosto de 2023

Aceito em: 17 de junho de 2024